

# Apple longe do topo das tecnológicas verdes

Relatório elaborado pelo Greenpeace tem Yahoo, Google e Amazon nos primeiros lugares em utilização de energia limpa nos centros de dados

The Guardian

FELICITY CARUS

**A** Apple apareceu na última colocação de um dos mais amplos rankings de empresas tecnológicas verdes por conta de sua alta dependência de centros de dados "sujos".

A lista, produzida pelo Greenpeace e revelada em São Francisco (EUA) no final de abril, mostra que a empresa depende fortemente de carvão

altamente poluente nos locais onde ficam seus bancos de servidores.

O relatório do Greenpeace *How dirty is your data? (Quão sujos são seus dados?)*, em tradução livre) revela que o investimento da empresa em uma nova instalação na Carolina do Norte (EUA) vai triplicar seu consumo de energia, equivalente a demanda por eletricidade de 80 mil residências norte-americanas. A energia da unidade será fornecida pela Duke Energy, a partir de um mix de

62% vinda de carvão e outros 32% de fonte nuclear. Recentemente, a Apple teve um grande impulso em seu lucro trimestral, que cresceu 95%, para US\$ 6 bilhões.

Gary Cook, analista político de TI (Tecnologia da Informação) do Greenpeace e coordenador do relatório afirmou:

— Os consumidores querem saber que quando fazem o upload de um vídeo ou mudam o status no Facebook não estão colaborando para o aquecimento global ou futuras Fukushima.



**Gary Cook**, analista político de TI (Tecnologia da Informação) do Greenpeace

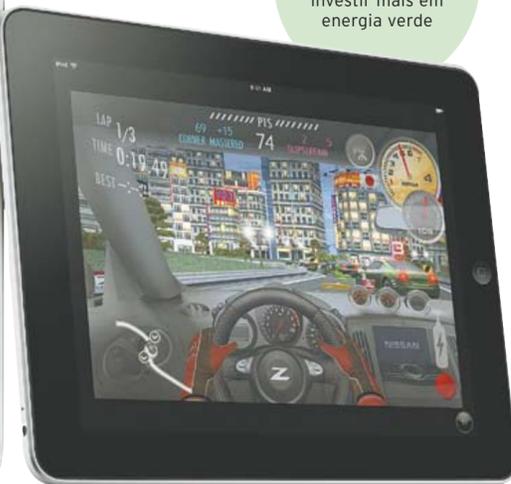
*"Os consumidores querem saber que quando fazem o upload de um vídeo ou mudam o status no Facebook não estão contribuindo para o aquecimento global ou futuras Fukushima."*



**Jonathan Koomey**, pesquisador de energia e impactos ambientais do setor de TI

*"O uso da TI frequentemente reduz os impactos ambientais. Quando comparamos as emissões do download de uma música com as da compra de um CD, por exemplo, descobrimos que a primeira opção reduz em até 80% os impactos no ambiente."*

Greenpeace diz que fabricante do Ipad e do Iphone poderia investir mais em energia verde



## Mais transparência nos relatórios de energia

As empresas nos EUA não são obrigadas por lei a divulgar o seu uso de energia ou as suas emissões de carbono. Mas o Greenpeace extraiu de informações públicas os investimentos realizados em centros de dados para estimar o quanto de energia essas instalações vão consumir. Depois, combinaram as informações com dados do governo.

O relatório estimou a dependência dos centros de dados da Apple com relação ao carvão em 54,4%, seguida de Facebook, com 53,2%, IBM, com 51,6%, HP com 49,9%, e

Twitter, com 42,5%. As marcas com as melhores colocações em energia limpa no estudo foram Yahoo, Google e Amazon. O Greenpeace também está em uma campanha para que o Facebook deixe de ser "amigo do carvão" e passe a usar energia limpa.

— Muitas empresas tratam seu consumo de energia como uma fórmula secreta porque não querem que seus concorrentes saibam o quanto elas gastam. A energia consumida pode indicar em que tipo de "corrida armamentista" a empresa está — disse Cook.

## Download de músicas versus compra de CD

A computação se baseia em grandes centros de dados, em vez de um setor de TI interno para abastecer serviços como Hotmail ou Gmail. A demanda dos centros de dados já é responsável por algo em torno de 1,5% a 2% do consumo de energia mundial e deve quadruplicar nos próximos 10 anos. Molly Webb, diretora de tecnologia inteligente do Grupo Climático em Londres, afirma:

— O ideal seria destacar a necessidade de investimentos e de uma política de governo ambiciosa para garantir

energia limpa suficiente para deixar os tweets mais verdes.

Jonathan Koomey, pesquisador de energia e impactos ambientais do setor de TI, que teve um de seus trabalhos citados no estudo, destaca que essa indústria atrai críticas indevidas:

— O uso da TI frequentemente reduz os impactos ambientais. Quando comparamos as emissões do download de uma música com as da compra de um CD, por exemplo, descobrimos que a primeira opção reduz em até 80% o impacto no ambiente.

## RELATÓRIO ESTÁ ONLINE

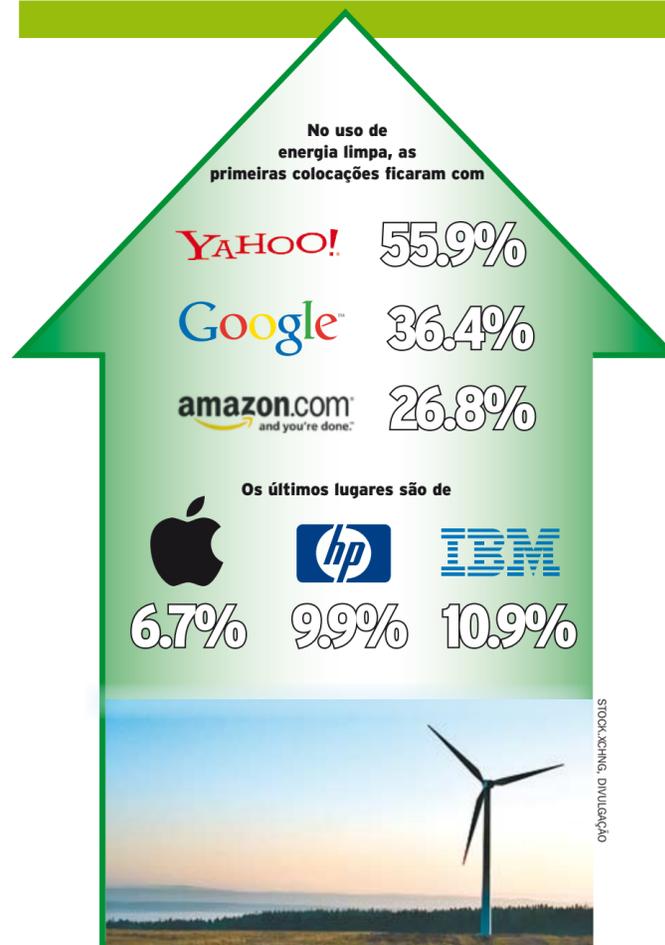
Para quem quiser ver mais detalhes do relatório elaborado pelo Greenpeace, a organização disponibilizou a publicação completa em seu site.

Basta acessar o link <http://tinyurl.com/3mfzmz7j> para conferir as cerca de 30 páginas do estudo sobre as grandes empresas de tecnologia.

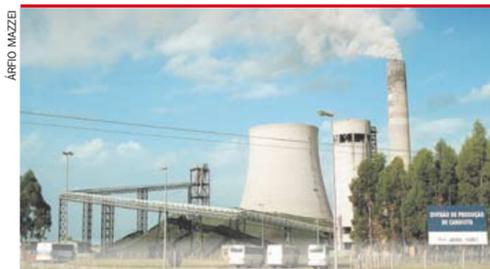
# O LIXO NOSSO DE CADA DIA

**ALEXANDRE BURMANN**

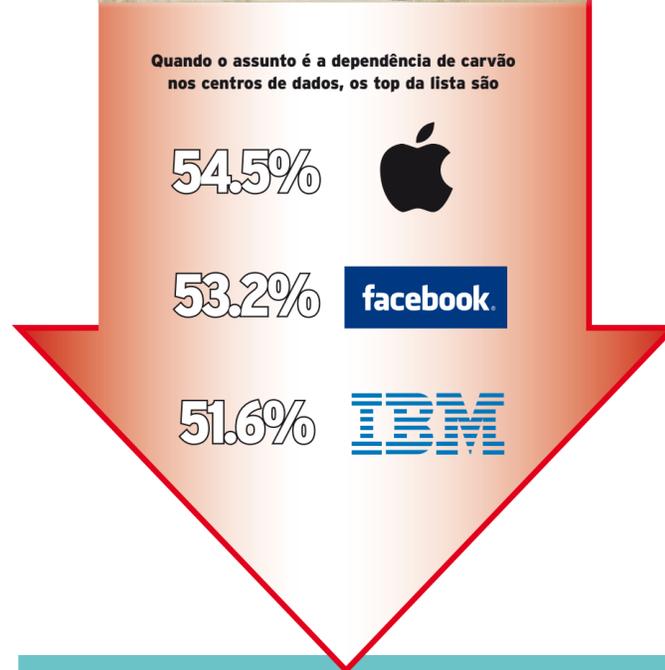
é advogado especialista em Direito Ambiental



ARTO MAZZEI



Quando o assunto é a dependência de carvão nos centros de dados, os top da lista são



O Ministério do Meio Ambiente anuncia que, em 2014, o Brasil estará livre dos lixões a céu aberto, presentes em quase todos os municípios brasileiros. A conclusão advém da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, estabelecida pela Lei nº 12.305/2010 e regulamentada pelo Decreto nº 7.404/2010. A partir desta data, também ficará proibido colocar em aterros sanitários qualquer tipo de resíduo que seja passível de reciclagem ou reutilização. Isso significa que os municípios brasileiros, para se adequarem a nova legislação, terão de criar leis para a implantação da coleta seletiva.

Pensei nisso parado no trânsito, aguardando que o caminhão do lixo recolhesse mais uma carga pelas ruas de Porto Alegre e observando a atividade incansável e insalubre desses trabalhadores que nos mantêm afastados de uma realidade que não fazemos

questão de notar. Pneus e uma quantidade incrível de madeira — provavelmente de um móvel desmontado —, estavam sendo colocados no caminhão e compostados progressivamente pelo equipamento hidráulico. Pneus e madeira, materiais que podem ser reciclados, dispensados com os demais resíduos.

A situação se repete na maioria dos endereços da nossa cidade e de todo o país. E isso não é nenhuma novidade. Os meios de comunicação constantemente mos-

tram isso. Mas não é necessário prestar atenção: cada saco de lixo que espera pelo recolhimento regular não contém somente resíduos orgânicos, mas uma enorme quantidade de lixo seco que poderia estar sendo reciclado por alguma cooperativa.

Com isso, perde quem investe na compostagem do lixo orgânico, pois tem mais trabalho para separar o lixo seco. Perde o reciclador, pois uma enorme quantidade de material é inutilizado dessa forma. Isso que Porto Alegre é considerada uma das cidades com maior índice de reciclagem de lixo no país. O que podemos esperar das demais?

Pesquisa recente da revista Seleções Reader's Digest mostra que 99% das pessoas dizem ter um compromisso

com o meio ambiente. Só que os demais resultados da pesquisa mostram que esse compromisso é da "da boca pra fora", pois 84% dos entrevistados colocam o lixo no lugar errado, e 56% não separam o seco do orgânico. É a confirmação de uma das máximas de Tolstói: "Todos pensam em mudar o mundo, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo".

Portanto, apesar de toda a expectativa criada com a elaboração da legislação que trata da Política Nacional de Resíduos Sólidos, temos de compreender que apenas legislar e regulamentar não basta. O que não falta na legislação ambiental brasileira são normas para disciplinar todo o tipo de conduta. Só que o histórico do cumprimento das leis é de conhecimento de toda a população: para ser cumprida, "a lei precisa pegar".

Por isso, mais do que normas, precisamos de educação ambiental. Mais do que leis, precisamos de atitude. Mais do que portarias, precisamos de vontade. Cada pessoa deve ser um multiplicador para que possamos resolver ou, pelo menos, minimizar o problema

a cidade e ampliar ainda mais a coleta seletiva, além de estimulá-la para dar fonte de renda para as camadas menos favorecidas da população. As empresas podem e devem ajudar o governo e a sociedade, não só para apresentar uma imagem mais "verde" para seus consumidores, mas, sim, porque fazem parte de um processo produtivo e são responsáveis pelo ciclo de vida dos bens que produzem.

Não é possível que o governo e a sociedade estejam tão alheios a esse problema que é de todos. Somos nós que produzimos o lixo e devemos dar-lhe o destino adequado, de forma a preservar os recursos naturais. Assim, quem sabe, possamos definitivamente tratar o ambiente por inteiro e não somente como "meio".